



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Nascimento Costa do, Eurípedes; Justo Sterza, José
Vidas Errantes e Alcoolismo: Uma Questão Social
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 529-538
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813320>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Vidas Errantes e Alcoolismo: Uma Questão Social

Eurípedes Costa do Nascimento^{1,2}

José Sterza Justo

Universidade Estadual Paulista/Assis

Resumo

O fenômeno da errância, impulsionado por motivos sócio-econômicos ou mesmo por razões pessoais, transformações no plano psicosocial. A presente pesquisa se propôs a investigar as razões que levam com a vida sedentária e o papel que o alcoolismo exerce nesse processo de deserção. Foram entrevistados 12 sujeitos que fazem uso de bebidas alcoólicas, albergados numa Instituição Assistencial da cidade de Assis, SP, sendo a maioria posteriormente, a uma análise de conteúdo. Os resultados mostraram que a morte dos pais, os conflitos familiares e a infidelidade conjugal têm sido um dos principais motivos para a ruptura com o sedentarismo. O uso do álcool, no "trecho", é sujeito à necessidade de "esquecer problema", maior encorajamento e apaziguar conflitos remanescentes, e afetivos que possuem como epicentro a infidelidade conjugal.

Palavras-chave: Alcoolismo; errantes; família; infidelidade conjugal.

Roamers Lives and Alcoholism: A Social Question

Abstract

The roving phenomenon moved on by personal, social or even economical reasons brings along deep changes in the individual's life and the function that the alcoholism has in this desertion process. Twelve people addicted in alcohol, from an Assisential Institute in Assis, São Paulo State – Brazil, were interviewed. Afterwards, the interviews were submitted to a contend analysis. The results showed that the parents' death, the familiar conflicts and the unfaithfulness have been the main reasons for the rupture with the sedentarism. The use of alcohol in the trajectory has been attributed to the need of forgetting problems, getting more courageous and pacifying remaining conflicts, usually has the marital infidelity as the epicenter.

Keywords: Alcoholism; roamers; family; marital infidelity.

O alcoolismo tem sido uma das maiores preocupações da saúde pública no mundo, estando associado a diversos outros problemas como: mortes no trânsito, desentendimentos familiares e afetivos, separação de casais, sendo, também, companheiro inseparável de homicídios, espancamentos de crianças e mulheres, deserção do trabalho, da escola, etc.

São numerosas as tentativas para se compreender o alcoolismo. Alguns autores acreditam que suas causas estão associadas a um complexo conjunto de fatores

lugar que o indivíduo ocupa na família, bem como dependendo das experiências vividas na infância, ele pode ter um vínculo com o alcoolismo em sua personalidade (Vaillant 1995/1999).

Dentro de uma perspectiva social, muitos trabalhos têm sido realizados na tentativa de explicar o consumo de bebidas alcoólicas. Eles apontam que as influências ambientais e genéticas são fator preponderante para a instalação

Na esfera psicológica é possível localizar, ainda, outro conjunto de fatores associados ao uso do álcool. Certos traços de personalidade aparecem vinculados ao alcoolista, como por exemplo: regressão emocional, imaturidade, instabilidade, ansiedade, insegurança e fraqueza do ego como ressaltaram Van Kolck, Tosi e Pellegrini (1991) e Sonenreich (1971). Trata-se, ainda, segundo Van Kolck e colaboradores, de sujeitos dependentes, tímidos e fugidios, com medo de tomar iniciativas e de assumir responsabilidades onde a fantasia pode se apresentar como fonte de satisfação ou como refúgio possível da frustração das aspirações intelectuais. Deste modo, o álcool funcionaria como um mecanismo de fuga do indivíduo devido ao seu sentimento de inadequação, encoberto por ideais de grandeza, certo perfeccionismo e exibicionismo, apresentados face à sua auto-imagem negativa. Uma outra característica do alcoolista é a sua incapacidade para assumir responsabilidades num relacionamento amoroso permanente, segundo Sonenreich. Castro e Silva Filho (1993) apontam, também, que em decorrência das complicações psíquicas como a irritabilidade, agressividade, prejuízo na compreensão e alteração da visão de mundo, o alcoolista vai provocando dificuldades no seu relacionamento familiar que se vão agravando com o tempo.

Para Alonso-Fernandez (1991), os alcoolistas apresentam os seguintes traços em comum: a vivência da solidão, a desesperança e a imposição do presente anônimo e passivo. No tocante à vivência da solidão, Alonso-Fernandez chama a atenção para a condição de isolamento do sujeito desde a infância devido à omissão do “outro” em oferecer-lhe amor. Deste modo, o “outro” é visto pelo alcoolista como um ser onipotente e ameaçador que pode e quer destruí-lo, desencadeando, assim, um conjunto de reações emocionais que nutrem seu sentimento de inferioridade física, psicológica e intelectual, fazendo com que o alcoolista recorra sempre à insinceridade como mecanismo de defesa na sua vivência social. O “outro” é, portanto, o alcoolista

às frustrações, remetendo o sujeito a uma repressão como forma de defesa por tensões emocionais produzidas pela pressão das necessidades individuais.

O alcoolista passa, então, a viver esta fase anônimo e passivo sem dispor de planificadoras que o direcione ao futuro da prosperidade, sujeitando-se à necessidade aprisionando ao estado de desesperança que, em alguns casos, pode até culminar.

Melman (1993) interpreta o alcoolista anônimo marcado por uma insatisfação constante devido a sua não realização pessoal na sociedade, que procura no álcool o refúgio para alcançar, pois, sua existência se apresenta, na realidade, por uma sensação de insuportabilidade e sofrimento.

Num outro trabalho Melman (1992) aponta a dependência relativa do alcoolista em sua feminina da qual espera sempre a satisfação absoluta. Nesse sentido, Melman aponta que o discurso do alcoolista se modula por uma particular ao lugar de seu exclusivo e permanente amor à mulher, enquanto detentora e distribuidora da cuja totalização seria para ele sempre “uma dissimulada” (p.16). O autor comenta, “o que parece fazer falta ao alcoolista é o respeito ao seu amor, ao seu respeito dentro da própria constelação familiar”.

Em nossa pesquisa sobre o fenômeno da sociedade contemporânea, constatamos, portanto, que o uso do álcool é bastante acentuado entre os “trecbeiros”. O “trecbeiro” é aquele sujeito que, de acordo com o autor, é “um trabalhador volante e temporário ou que viaja, transitando de uma cidade a outra, caminhando pelas estradas ou se deslocando com passagem de ônibus, concedidos por entidades assistenciais. O “trecbeiro” é tipicamente marcada pela instabilidade, pelo fato de que ele não tem estabelecimentos de vínculos afetivos, familiares ou profissionais, e que, portanto, não tem

Ainda segundo o autor, as mudanças ocorridas no plano social, econômico e político, comumente chamados de globalização, impulsionam o indivíduo a grandes movimentações impedindo sua fixação em territórios psicossociais estáveis. Desta forma, o sujeito é estimulado a desertar da vida sedentária e buscar no nomadismo os meios para a sua sobrevivência.

Snow e Anderson (1992/1998) apontam, ainda, que o desemprego, a falta de apoio familiar e as desavenças conjugais são os principais motivos que levam os sujeitos a romperem com a vida sedentária. Os autores acreditam que a fragilidade dos vínculos sociais se origina principalmente nas circunstâncias sociais precárias em que esses vínculos se formam e se mantêm. São sujeitos colocados fora das disposições estruturais de um dado sistema social, ou que voluntariamente se afastam dos padrões de comportamento dos membros que têm *status* e função dentro daquele sistema.

Merton (1968), citado por Snow e Anderson (1992/1998), considera a questão da vida errante como uma estrutura social anômica. Segundo esse autor, a associação decorre da falta de capacidade do sujeito para competir na sociedade em função de repetidos fracassos no mundo social. Snyder (1954) comprehende o alcoolismo como uma conduta desviante e, nesse sentido, nos dizeres do autor, os alcoolistas são pessoas anômicas – desorganizadas, vazias, angustiadas, compulsivamente independentes e que desconhecem toda autoridade.

Castel (1995/1998) ao analisar a modernidade a partir da instituição do salário, considera que a produção do individualismo, mediante a retirada de proteções sociais, tem sido um dos principais agentes causadores da desfiliação e aponta que o colapso do desemprego vem acompanhado da ausência de relações sociais mais amplas. Conforme Castel, o enfraquecimento da condição dos salários se dá em função da substituição da rigidez do trabalho pela flexibilidade das tarefas devido à

nenhuma qualificação profissional e o autor considera de individualizadas.

Nesse sentido, parece que os errantes são excluídos e dos errantes constituem-se limitadas. É um mundo social que é escolhido pela grande maioria, não inicialmente, mas para a grande maioria por circunstância além de sua vontade (Anderson, 1992/1998).

O alcoolismo entre os “trecheiros” é visto como uma das expressões mais marcantes da sociedade atual. Aí encontra-se a desterritorialização sócio-geográfica e outras condições próprias desse grupo.

Levando-se em consideração a prevalência de álcool entre os errantes, este estudo visa investigar as razões que levam os sujeitos a abandonar a vida sedentária e o papel que o álcool desempenha nesse processo de deserção.

Método

Participantes

Foram tomados como participantes dezessete doze “trecheiros”, do sexo masculino, com idade média de 35 anos. A coleta de dados foi realizada junto ao Centro de Encaminhamento Migrante (CEM) de São Paulo. Trata-se de uma Instituição Asilo que realiza o recolhimento de toda a população desabrigada pela cidade: desempregados, mendigos, pessoas em busca de trabalho, pessoas com deficiência psicológica e outros.

Instrumentos e Procedimentos

Esta pesquisa utilizou um questionário estruturado, mediante o consentimento informado, e a utilização de um gravador. O

investigar os motivos, as causas e influências que levaram ou ainda levam o sujeito à ingestão alcoólica, como, também, conhecer as suas perspectivas futuras. Inclui ainda o levantamento de relacionamentos sociais e afetivos estabelecidos antes do processo de ruptura, relacionamentos esses associados ao trabalho, família e vida afetiva, especialmente no tocante à vivência da fidelidade e infidelidade, conforme ilustra a Tabela 1.

Após a coleta dos dados, as entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra e submetidas, posteriormente, a uma análise de conteúdo proposto por Bardin (1979). Tal método consiste em uma leitura flutuante do *corpus* (pré-análise), separação e identificação dos temas abordados em unidades de sentido (análise temática) e agrupamento dos temas em categorias e subcategorias. A aplicação das

entrevistas durou em média, t, aproximadamente. A idade dos entrevistados variou entre 24 a 53 anos e o tempo no “trecho” de sua vida, conforme ilustra a Tabela 2.

Resultados

Dividimos os resultados em duas partes, cada uma acompanhada de suas respectivas categorias. No *Bloco I* os temas emergentes foram agrupados em três categorias gerais: a) os motivos que levaram o sujeito ao “trecho”; b) estilo de vida; c) vida no “trecho”. No *Bloco II* os temas referentes ao alcoolismo foram agrupados em duas categorias gerais: a) o uso do álcool, e b) perspectivas futuras.

Tabela 1. Roteiro de Entrevistas

Bloco I

1. Quanto tempo faz que você está no *trecho*?
2. Como era a sua vida antes de entrar no *trecho*?
3. O que te levou a escolher o *trecho*?
4. Quais são as rotas que você percorre no *trecho*?
5. Quais são os valores, as normas e algumas leis no *trecho*?
6. Quais são as vantagens e desvantagens no *trecho*?
7. Como você sobrevive no *trecho*?
8. Compare a sua vida anterior e a do *trecho*?
9. Você tem intenção de voltar à vida sedentária?
10. Você ainda possui algum tipo de vínculo com sua família?

Bloco II

11. Que idade você começou a fazer uso de bebidas alcoólicas?
12. Como foi seu primeiro contato com o álcool?
13. Havia outras pessoas que bebiam na sua família?
14. O que te levou e leva até hoje a fazer uso de bebidas alcoólicas?
15. Como você consegue a bebida?
16. Que tipo de bebida você utiliza?
17. Na sua vida você já teve alguma desilusão amorosa?
18. Como é seu relacionamento com as mulheres?
19. Você já traui ou foi traído por uma mulher?
20. Você acha que consegue parar de beber? Por quê?

Bloco I - Motivos de Escolha no *Trecho*

As razões apontadas pelos sujeitos para a deserção da vida sedentária, parecem estar relacionadas com a desestruturação da constelação familiar e afetiva, permeadas por desavenças e pela falta de trabalho. Os relatos apresentados pelos sujeitos nessa categoria geral permitiram-nos analisá-los em duas subcategorias:

Conflitos familiares: os desentendimentos com os pais e as desavenças no núcleo familiar - brigas com a esposa e filhos - é um dos principais motivos apontados pelos sujeitos para a ruptura com a vida sedentária e início no “trecho”. Parece, portanto, que as relações familiares ocupam um papel importante na vida desses sujeitos. Exemplos:

“Trabalhava, tinha minha mulher, minha filha, daí eu briguei com a minha mulher... discutimos e nós sepáremos, né. Daí voltei pra casa e aí não deu certo, também, daí peguei e saí...” (Participante 3).

“Aí, me separei oito anos depois, tenho duas filhas, tenho uma casa em São Paulo que deixei para as filhas, né, aí... depois da separação, segui meu rumo, trabalhar um pouco numa cidade, outro pouco noutra e assim vou andando...” (Participante 5).

Morte dos pais: um outro motivo encontrado nos relatos dos sujeitos associado a sua iniciação no “trecho”, refere-se à perda de suas referências sócio-afetivas no núcleo familiar originário. Tais perdas, culminam na falta de um lugar fixo para viver, agravando a condição de pobreza extrema decorrente do desemprego que se sobressai como um fator preponderante no processo de deserção. Exemplos:

“Um dos motivos é a necessidade. Depois que parti pro trecho, que eu saí da minha família... aí o motivo mais é trabalho e procurar uma luta... eu andava bem com minha família, depois teve outras desavenças e eu perdi meu pai e minha mãe” (Participante 5).

“(...) foi naquele tempo que eu trabalhava, né, depois perdi minha mãe, meu pai e fiquei desgostoso, sem ter lugar pra morar” (Participante 4).

“Foi a separação da mulher, foi ter brigado em casa, né, com meu pai e saí correndo de um lado e outro... meus pais moravam em Santos. Meu pai é falecido e minha mãe também. Meu pai morreu aqui no Paraná e minha mãe morreu atropelada em Santos” (Participante 3).

fixo e residência, e outros, pelo trabalho informal, de-obra, um trabalho volante que é percebida por eles como um detimento da atual. Exemplos:

“Ah! Rapaz, antes eu tinha assim... vidona, boa assim que não era assim, normalizada, né meu. Tinha muitas coisas... Trabalhava, chegava à tarde, ia tomar seu banho numa boa, ir pra cama” (Participante 4).

“Eu já tive carro, uma serralheira, uma casa, uma casa... agora pra Londrina eu consigo dar pra viver, pra ter um serviço e tudo mais... e sair dessaqui” (Participante 3).

“Olha, antes eu trabalhava em uma fábrica, eu trabalhava em algumas fábricas e sou músico, tecladista, sou um ser humano que eu sou” (Participante 2).

Depois: O cotidiano do “trecho” é retratado como difícil, instável e insatisfatório, devido ao desamparo social ao qual estão sujeitos, ao trabalho regular e das incertezas que o provimento das necessidades proporciona, sem agasalho, abrigo. Exemplos:

“Vantagem? De jeito nenhum, é que não tem trabalho, falta de serviço, falta de comida, de tudo, é que é geral, não dá nem pra explicar” (Participante 2).

“(...) só tem desvantagem, não tem trabalho, não tem onde eu em algum lugar e ficar, trabalhar, não tem onde eu morar, só tem sossegado...” (Participante 2).

“Você tá no trecho, não sabe o que é, não tem onde morar, não tem onde trabalhar, não tem onde se sentar, não tem nada fácil...” (Participante 3).

Vida no *Trecho*

Esta categoria procurou nesse “trecho” o que é a vida no “trecho”, que o “trecheiro” estabelece nesse ambiente. Os sujeitos compreendidos nas seguintes categorias familiares, sobrevivência, sexualidade, submetem e as rotas percorridas nesse ambiente. A vida no “trecho” é marcada pelo isolamento, indiferenciação, isolamento, desinteresse, falta de contato com a rede social.

“De vez em quando eu telefono pra uma cunhada minha perguntando por eles. Quando eles confirmam a ligação a cobrar, né. Vai fazer um ano que eu não vejo eles [pais]” (Participante 9).

“Perdi o contato com minha família... tem muitos deles que não sei nem o endereço. Alguns endereços velhos, já não moram mais, então fica difícil. Faz muito tempo que a gente não tem contato com a família” (Participante 10).

Sobrevivência: a vida no “trecho”, por todas as dificuldades de encontrar trabalho, leva o sujeito a pedir para sobreviver. A maioria encara qualquer tipo de trabalho quando encontra – os chamados “bicos” – sendo as árvores e os postos de gasolina, as principais referências para o abrigo diário. Exemplos:

“Eu peço uma ajuda, uma roupa, um calçado... Eu durmo embaixo de árvore, uma casa abandonada se achar...” (Participante 2).

“Se a gente achar um trabalho a gente faz, só que às vezes é obrigado a pedir... então quer dizer, estamos matando a fome... Pra dormir, tem de chegar em posto de gasolina, compreendeu, porque hoje pode ver essas fazendas aí já não tem mais casa” (Participante 8).

“Qualquer serviço que eu posso fazer eu faço. Muitas vezes eu peço pra não roubar porque se roubar, vai preso, né. Pra dormir, quando não acha posto de gasolina, a gente dorme embaixo de uma árvore mesmo” (Participante 9).

Sexualidade: as relações sexuais no *trecho* parecem ter pouca importância na vida desses sujeitos. Ela ocorre casualmente em certos casos e, em outros, ela é quase inexistente. Geralmente, os relacionamentos sexuais são mantidos com as mulheres do “trecho”, porém, alguns sujeitos quando conseguem algum dinheiro, procuram as casas de prostituição à beira da estrada ou nos locais afastados da cidade. A preocupação de se proteger contra doenças sexualmente transmissíveis, também aparece nos relatos dos sujeitos. Exemplos:

“Nós encontramos, só que nós não pega não... Mulher a gente encontra em qualquer lugar, só que a gente não mexe com esse tipo de coisa, é perigoso, é arriscado, doença...” (Participante 2).

“Eu tenho assim... relação com mulher quando tó no serviço, na boa, tendo meu dinheirinho, tem uns lugar que eu vou... em boate, esse negócio, mas mulher do trecho, não” (Participante 4).

“Não existe um relacionamento mais íntimo... porque é o seguinte: no trecho, ninguém sabe quem é quem e o que é só tá tão perdido, é ‘trecho’” – uso do álcool para...

coisa, o outro já não pensa isso aí, o motivo é essa fazer é a gente mesmo” (Participante 4).

“Mas dentro do trecho, é uma desunião t... consideração, é cada um pra si porque não exist... o outro” (Participante 6).

“A lei é que ninguém pode pegar o que amanhã pode ser o contrário. Isso aí é uma coisa na bola com ninguém...” (Participante 9).

Rotas percorridas: as estratégias de utilizadas pelos sujeitos parecem girar em torno de cidades que apresentam características semelhantes quanto à oferta de trabalho, como as cidades do norte do Paraná e do estado de São Paulo. Tal circularidade é função da existência, nessas localidades, de trabalho volante como o corte da cana-de-cáfé e os serviços braçais da agricultura geral. Essas regiões embora tenham intensificadas a mecanização da mão-de-obra pelos sujeitos como lugares ainda possíveis de trabalho, apesar de apresentarem sazonalidade empregatícia. Exemplos:

“(...) de repente, tenho uma informação, né, (PR), que tem serviço e tal e a gente vai lá ver se tem... Eu tó pra ir pra Maringá (PR), né.. de qualqu... de a pé e tal...” (Participante 7).

“(...) eu venho vindo agora de Jataizinho, depois cheguei em Pongaí (SP), de lá, pra cá... Eu fui lá pra Garça (SP) porque lá tem a colheita da cana-de-cáfé, né, tem carpição e tudo” (Participante 8).

“Já passei em Bauru (SP) e lá tem uma sazonalidade, de junho pra setembro, também é bom de se trabalhar. Passo também em Botucatu (SP), Ourinhos (SP), São Paulo, pra Londrina...” (Participante 3).

Bloco II - Uso do Álcool

As influências dos pais ou amigos na vida dos sujeitos bem como as frustrações ocorridas no processo de socialização aparecem como uma das principais causas que levam o sujeito a iniciar-se no uso de bebidas alcoólicas. “Trecho” – uso do álcool para...

sabe, provar sua masculinidade frente ao grupo. Exemplos:

“Ah! faz tempo. Eu bebo desde os 15 anos. Minha mãe é que bebe mais... eu comecei a beber na casa da minha tia. Ela bebe até hoje, bebe bastante... eu bebo por livre e espontânea vontade mesmo. Bebo cerveja, pinga, o que vier eu bebo” (Participante 1).

“Eu comecei com uns 10 anos de idade. Meu pai também bebia... minha mãe é que bebia mais e eles bebiam era cachaça mesmo... Eu comecei no meio da molecada... que fazia aquela fogueirinha na rua de casa...” (Participante 3).

“Olha meu primeiro contato com o álcool foi com 10 anos de idade... Eu me lembro que eu fui pra uma roça de amendoim... Então, foi justamente nessa roça que eu acabei tomando bebida alcoólica. A partir daí, eu comecei a gostar da bebida... conhecendo colegas em festinhas...” (Participante 11).

Motivos do uso do álcool: conforme a análise dos relatos, os motivos apontados para o uso do álcool no “trecho” estão associados à necessidade de esquecimento de frustrações do passado, principalmente, decorrentes da infidelidade da mulher na relação conjugal. Perdas significativas na vida do sujeito (morte dos pais, separação da esposa e dos filhos, por exemplo) e necessidades de encorajamento para vencer a timidez, também aparecem como importantes motivos para o uso do álcool na errância. Deste modo, devido à insuportabilidade de sua condição atual de vida (pobreza extrema, isolamento social, desamparo, etc.), o álcool parece atuar como um apaziguador desses conflitos. Exemplos:

“Mas no trecho, eu bebo é pra esquecer problemas porque o trecho é duro, né, passa fome, monte de coisas, tem que pedir e com umas pingas na cabeça dá mais coragem...” (Participante 12).

“Desgosto demais na vida, não ter um lugar fixo pra ficar, então a gente bebe por causa disso... eu peguei ela com um cara em cima de minha cama... Eu tomo um conhaquinho, uma cachaça pra gente esquecer os passados...” (Participante 2).

“No trecho eu bebo é pra ficar animado mesmo, pra sair na batalha. Bebo porque às vezes, não tenho coragem de falar uma coisa sem beber, aí já tomo duas e falo... então o motivo é esse, pra criar coragem e pedir pra comer...” (Participante 9).

Percepção da bebida: a maioria não admite o consumo

eu fiquei muito desgostoso é que eu sem beber...” (Participante 4).

“Parar a gente pára. É que não tem opinião porque bebida é doença” (Participante 9).

“Já consegui porque é Jesus. J...

mente, sabe, e tô vendo as coisas da...

e não tô olhando pra trás...” (Participante 1).

Socialidade do álcool: a vida

condições extremamente precárias, temporariamente, o estreito vínculo intermediada pelo uso da bebida, que é compartilhada sem restrições, de cana (cachaça), a mais comum, grupalizações em torno da bebida, algumas desavenças entre eles, desconfiança e as restrições interpessoais, impulsionando a pessoa a escolher a solidão como caminho de estrada. Exemplos:

“Alguém carrega pinga, se usa...

todo mundo toma na roda, que não é...

aquele, todo mundo vai comer um p...

“Eles brigam entre si porque...

uns que bebe e começa a chorar,...

brigar” (Participante 8).

“Quando você bebe com outro...

o copo sempre corre pro lado direito...

quando acaba aquela, faz uma va...

procura, vai pedir” (Participante 1).

Perspectivas Futuras

Apesar de todos os motivos que levam os sujeitos para a ruptura com a estrutura familiar, falta de um lugar fixo, desemprego, mão-de-obra, desentendimentos com esposas e filhos, que fomenta o sonho de voltar ao lar, de reconstituir a família, mesmo que de forma

Discussão

O fenômeno da errância parece estar associado a um complexo de fatores que modelam o mundo contemporâneo. A globalização, a flexibilização do trabalho, a informatização e automação da produção, a substituição da sociedade industrial pela de serviços, a virtualização da realidade, a dispersão, o individualismo, a aceleração do tempo e a expansão do espaço têm exercido um papel considerável na desterritorialização do sujeito e na sua impulsão para o nomadismo.

No entanto, um dos motivos marcantes em toda a trajetória de vida desses indivíduos para se iniciarem no “trecho” foi o desemprego e a exigência de qualificação de mão-de-obra exigida atualmente pelo mercado. Impossibilitados de concorrer num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, gradativamente, são impulsionados para a marginalização social ficando desprovidos de qualquer referência social-psicológica.

Deste modo, os “trecheiros” parecem estar incluídos entre aqueles que Castel (1995/1998) considera como desfiliados da sociedade. Segundo o autor, a competitividade no mercado de trabalho, os baixos salários e o excesso de mão-de-obra especializada e disponível acaba criando uma sociedade cada vez mais individualista e segregatória onde trabalhadores com pouca qualificação profissional são confinados a uma desfiliação social por não preencherem as novas exigências instituídas pela sociedade atual. À beira desse “abismo” social, são empurrados e condicionados a um individualismo negativo porque são declinados em termos de falta: falta de consideração, falta de segurança, falta de bens garantidos e de vínculos estáveis.

Incapazes, portanto, de pertencerem à essa nova ordem social em que predomina o individualismo instituído pelo mercado, onde o indivíduo se apresenta como um ser moral, independente, autônomo e não-social, os “trecheiros” se enquadram como um ser

na sociedade, pois, após repetidos fracassos sociais, os andarilhos renunciam tanto à sociedade, quanto ao meio legítimo de vida, tornando-se indivíduos assocializados.

Além da questão do desemprego, que é o componente norteador de toda a trajetória dos “trecheiros”, outros motivos também aparecem como significativos para a desfiliação com o sedentarismo. Trata-se da morte, desentendimentos com esposas e filhos, acontecimentos estão diretamente conectados à questão da falta de empregos e pobrezas que as cobranças sociais vão pressionar os homens a arcar com o ônus da vida sedentária (cuidados domésticas, sustento dos dependentes), impulsioná-lo para a deserção e a errância, solidão e o isolamento no “trecho”.

De fato, como mostram os resultados da pesquisa e como já salientaram Snow e Ulmer (1998), parece que a falta de apoio dos amigos é um dos fatores preponderantes para a ruptura com o nicho social no qual está inserido. Indivíduos não têm uma família a quem recorrer quando se acham desempregados, abandonados ou vitimados por cortes de benefícios.

Projetados, então, para uma individualização, seu modo peculiar de vida na condição de desfiliados, sustentado por esse individualismo absoluído, impera é a lei do *cada um para si*, tanto nas relações interpessoais como nas outras relações sociais do “trecho”. Enfrentam numerosas situações de precariedade e de precariedade que se traduzem em um estremecido, feito de buscas inquietas e desesperadas, dia a dia. Embora situados nessa condição de pobreza, a grande maioria mantém, ainda que de forma esporádica, laços com os familiares e fomente a ideia de retornar ao sedentarismo. Esses dados são consistentes com outros trabalhos realizados por Justo (1992/1993).

situação, sempre procuram restringir ao máximo suas relações interpessoais e se refugiam na solidão e na individualidade.

O uso do álcool na vida desses sujeitos parece iniciar-se na infância estimulado pelo próprio meio familiar, principalmente pela influência do pai. A importância da roda de amigos aparece, também, como um dos fatores preponderantes para o início do consumo de bebidas alcoólicas, associado, talvez, à necessidade do sujeito impor sua masculinidade frente ao grupo na qual convive. Esses resultados confirmam os dados encontrados com certa freqüência na literatura que assinalam que a família e os amigos são um dos principais motivadores, na vida do indivíduo, para o início do consumo de bebidas alcoólicas (Araújo, 1995; Braga, 1977; Jorge & Ferraz, 1981; Silva & Cursino, 1995; Sonnenreich, 1971).

Quanto aos fatores biogenéticos do alcoolismo, os dados dessa pesquisa não permitem considerar o consumo de álcool como um fator hereditário, mesmo porque foge das preocupações fundamentais desse trabalho. Entretanto, podemos argumentar, tal como assinala Vaillant (1995/1999), que famílias multiproblemáticas constituem para o sujeito a probabilidade maior de uma infância instável e infeliz onde a recorrência ao uso do álcool estaria associada à necessidade de refugiar das frustrações da realidade. Deste modo, o ambiente social do sujeito possa, talvez, contribuir também para o uso de bebidas alcoólicas, mesmo que não haja uma herdabilidade gênica para o alcoolismo. Poderíamos falar, então, de uma “predisposição ambiental” como propõe Cloninger (1987) e não somente os fatores genéticos como uma das grandes responsáveis na incidência do alcoolismo.

Parece haver, então, uma estreita vinculação entre problemas familiares e sociais com a anomia. Snyder (1954) já salientara que as desigualdades na estrutura social, contribuem para a conduta desviante do sujeito cuja recorrência ao uso do álcool estaria relacionada a busca

No “trecho”, os motivos são atribuídos pelos próprios sujeitos para esquecer problemas e adquirir conforto diante das condições precárias da realidade. O passado promissor que a maioria parece ser um peso insuportável, é o mecanismo de defesa e fugir da realidade com a qual se satisfatoriamente.

As necessidades de lazer, de encorajamento, assinalada no caso dos mendigos, parece colocar-se como um “trecho”: tanto naquele como no sujeito, a falta de comunicabilidade e de obstáculos para a sobrevivência, que é pedir para sobreviver e não ter recurso muito utilizado pelos sujeitos nessas condições.

Entretanto, o principal motivo para utilizar o álcool no “trecho” é para esquecer problemas, principalmente, problemas de saúde, a infidelidade da mulher na relação (Anderson, 1992/1998) tanto quanto o trabalho que as desavenças com a família e a ruptura com a vida sedentária. O passado promissor parece ser o motivo para o sujeito carregar consigo num “trecho”.

A importância da mulher é fundamental, já que aprisioná-lo no presente anômia, é o motivo que assinala Alonso-Fernandez (1995) para o sentimento de solidão decorrente da infidelidade da mulher. A traição da mulher aparece como uma grande tragédia ocorrida na vida do sujeito, que é a impressão de ter sido um acometido por um destino que outros também associam à infidelidade. A pobreza, o desemprego e a anomia, de maneira, poderíamos pensar como motivos para o sujeito carregar consigo num “trecho”.

alcoólica. Esses dados comprovam a hipótese de Snow e Anderson (1992/1998) ao destacar que os andarilhos recusam a oportunidade de se unir a um grupo para beber.

A grande maioria dos sujeitos também nega o consumo abusivo da bebida e, talvez, utilizam a insinceridade como mecanismo de defesa em tais situações (Van Kolck e cols., 1991). Todos os sujeitos de nossa pesquisa afirmavam que bebiam pouco e com certo controle antes das entrevistas e que decidiram abandonar o álcool após entrevistados. Embora não tendo sido verificado, posteriormente, se tal decisão declarada de abandonar o uso do álcool foi ou não efetivada pelos sujeitos, o fato de todos terem feito essa afirmação, e de modo repentina, sugere a ocorrência da conduta de “insinceridade”.

Motivados por ideais de grandeza onde há o predomínio da fantasia, as perspectivas futuras do sujeito estão relacionadas ao sonho de retornar ao sedentarismo ou de ainda saírem vitoriosos, embora sua atual condição de vida não proporcione algumas possibilidades para tamanha idealização. Nesse aspecto, podemos verificar que os “*trecheiros*”, embora sejam sujeitos tipicamente marcados pela exclusão e adversidades, mantêm certa esperança ou ideais de reconstituir família, moradia e empregos fixos. Esse dado contrasta com aqueles encontrados por Alonso-Fernandez (1991) que coloca o alcoolista numa situação de desesperança marcada pela indiferença e pelos fantasmas de insucessos anteriores causados pela ausência de tolerância às frustrações. É necessário, no entanto, ponderar que essas duas pesquisas não são diretamente comparáveis porque se diferenciam quanto à população e amostragem.

Essencialmente, poderíamos finalizar esse tópico de discussões salientando que parece haver uma interligação entre o desemprego, a falta de apoio familiar, a infidelidade, o alcoolismo e a vida errante. Muitos dos “trecheiros” estão nessa condição de vida porque não possuem rede alguma de apoio familiar viável a qual

Referências

- Alonso-Fernández, F. (1991). A personalidade preta. *41*, 19-30.

Araújo, L. B. (1995). O uso do álcool como ritual de identidade para a idade adulta: Alguns aspectos indissociáveis de prevenção ao abuso do álcool [Resumo]. Em *Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de comunicações científicas da XXV Reunião Anual de Psicologia* (p. 41). Ribeirão Preto: SBP.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bertolote, J. M. (1997). Problemas sociais relacionados ao álcool. Em S. P. Ramos & J. M. Bertolote (Orgs.), *131-138*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Braga, M. C. (1977). *Caracterização de um grupo de alcoólicos*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Departamento de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.

Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: Um estudo de caso*. (R. Poletti, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original work published 1995)

Castro, H. M. & Silva Filho, W. M. (1993). Avaliação da aderência ao alcoolista no município de Carapicuíba.

Cloninger, C. R. (1987). Neurogenetic adaptive mechanisms. *Science*, *163*, 410 - 416.

Jorge, M. R. & Ferraz, M. P. T. (1981). A percepção do alcoolismo leva ao alcoolismo e à internação. *Boletim de Psicologia*, *31*, 125-139.

Justo, J. S. (1998). Errâncias e errantes: Um estudo sobre a estrada. Em J. S. Justo & R.Y. Sagawa (Orgs.), *Rumos* (pp. 125-139). São Paulo: Arte & Ciência.

Kolck, O. L. V., Tosi, S. M. V. D. & Pelegrini, T. F. (1995). A percepção do alcoolismo crônico. *Temas*, *21*(42), 374-382.

Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinqüência e toxicomania: o que é e como gozar*. São Paulo: Escuta.

Melman, C. (1993). Alcoolismo e toxicomania: Uma abordagem psicológica. *Temas*, *23*(45), 41-49.

Silva, R. C. & Cursino, E. A. (1995). O consumo de álcool entre adolescentes: Dados sobre o consumo e os efeitos [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas, XXV Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto: SBP.

Snow, D. & Anderson, L. (1998). *Desafortunados: Um estudo de caso*. (S. Vasconcelos, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original work published 1992)

Snyder, C. (1954). Ebriedad, alcoholismo y anomia [Resumo]. In *Anomia y conducta desviada* (pp. 181-197). Madrid: Psicología y Vida.

Sonenreich, C. (1971). *Contribuição para o estudo da etiologia do alcoolismo*. São Paulo: Editora do autor.

Vaillant, G. E. (1999). *A história natural do alcoolismo*. (A. Cunha & J. A. L. dos Santos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1995)